Revista COOPEX (ISSN:2177-5052)

Transtorno do espectro autista diante das possibilidades teórico-práticas da psicologia clínica: as interfaces do psicodiagnóstico

Autism spectrum disorder in face of the theoretical-practical possibilities of clinical psychology: the interfaces of psychodiagnosis

***Marcos Vitor Costa Castelhano*[1]**

RESUMO: O Transtorno do espectro autista (TEA) é considerado uma condição atípica do neurodesenvolvimento, iniciando-se a partir do nascimento, sendo geralmente diagnosticada na média dos três anos de idade, abarcando alterações em áreas globais singulares, a exemplo da interação social-afetiva, da comunicação verbal e/ou não-verbal e do comportamento. Entre as formas de tratamento e acolhimento deste público, destaca-se os papéis e a importância do psicólogo clínico diante da compreensão e observação das manifestações clínicas e dos esboços subjetivos, desenvolvendo estratégias conjuntivas para a lapidação constante de habilidades inter e intrapessoais ao longo da jornada terapêutica. No âmbito metodológico, uma das das formas técnicas-interventivas pautadas na busca do entendimento do diagnóstico do TEA se baseia nas elaborações psicodiagnósticas, direcionando os psicólogos nas caracterizações das manifestações comportamentais, sociais, afetivas e linguísticas diante do quadro clínico especificado, influindo nas estratégias psicoterápicas e formatações de rastreio assertivo. Seguindo as premissas acima, o presente estudo, por meio da metodologia de revisão narrativa, objetiva compreender como os direcionamentos psicológicos clínicos baseados nas formatações do psicodiagnóstico podem influir no tratamento, acolhimento e intervenções contextuais dos sujeitos com diagnóstico de TEA perante das esquemáticas do setting terapêutico. Em face das bases de dados utilizados, valeu-se das plataformas digitais do Google Acadêmico, Scielo, PePSIC e Portal de Artigos da CAPES, promovendo as diretrizes das construções argumentativas-dissertativas lapidadas, permeando discussões direcionais entre as condições autísticas e o âmbito técnico psicológico-psicodiagnóstico nas entrelinhas da clínica. Por meio dos aspectos mencionados, visualiza-se que o psicodiagnóstico, enquanto fundamento teórico-prático valioso para o psicólogo clínico em atividade, promove intervenções e observações significantes defronte dos diferentes caminhos do manejo profissional dos sujeitos com TEA.
PALAVRAS-CHAVE: TEA. Psicologia. Psicodiagnóstico. Avaliação Psicológica.

ABSTRACT: Autism Spectrum Disorder (ASD) is considered an atypical condition of neurodevelopment, starting from birth, being generally diagnosed at the average age of three years, encompassing alterations in unique global areas, such as social-affective interaction, of verbal and/or non-verbal communication and behavior. Among the forms of treatment and reception for this public, the roles and importance of the clinical psychologist stand out in terms of understanding and observing clinical manifestations and subjective sketches, developing conjunctive strategies for the constant refinement of interpersonal and intrapersonal skills throughout the journey. therapy. In the methodological scope, one of the technical-intervention forms guided by the search for understanding the diagnosis of ASD is based on psychodiagnostic elaborations, directing psychologists in the characterization of behavioral, social, affective and linguistic manifestations in the face of the specified clinical picture, influencing psychotherapeutic strategies and assertive trace formatting. Following the premises above, the present study, through the methodology of narrative review, aims to understand how the clinical psychological directions based on the psychodiagnosis formatting can influence the treatment, reception and contextual interventions of subjects diagnosed with ASD in the face of the schematics of the therapeutic setting . In view of the databases used, the digital platforms of Google Scholar, Scielo, PePSIC and the CAPES Articles Portal were used, promoting the guidelines of polished argumentative-dissertation constructions, permeating directional discussions between autistic conditions and the technical psychological scope -psychodiagnosis between the lines of the clinic. Through the aforementioned aspects, it is seen that psychodiagnosis, as a valuable theoretical-practical foundation for the clinical psychologist in activity, promotes significant interventions and observations in the face of the different ways of professional management of subjects with ASD.
KEYWORDS: TEA. Psychology. Psychodiagnosis. Psychological Assessment.

---

[1] Graduado em Bacharelado em Psicologia no Centro Universitário de Patos (UNIFIP). Pós-graduado em Teoria Psicanalítica (FAVENI), em Psicopatologia (Faculdade Serra Geral), em Psicologia Clínica (FACEMINAS), em Saúde Mental (FAVENI). Mestrando em Ciências da Educação pelo World University Ecumenical (WUE).

INTRODUÇÃO

O Transtorno do espectro autista (TEA) é considerado uma condição atípica do neurodesenvolvimento, iniciando-se a partir do nascimento, sendo geralmente diagnosticada na média dos três anos de idade, abarcando alterações em áreas globais singulares, a exemplo da interação social-afetiva, da comunicação verbal e/ou não-verbal e do comportamento (FACION, 2008).

Entre as formas de tratamento e acolhimento deste público, destaca-se os papéis e a importância do psicólogo clínico diante da compreensão e observação das manifestações clínicas e dos esboços subjetivos, desenvolvendo estratégias conjuntivas para a lapidação constante de habilidades inter e intrapessoais ao longo da jornada terapêutica (ALVES; ALVES, 2022).

No âmbito metodológico, uma das das formas técnicas-interventivas pautadas na busca do entendimento do diagnóstico do TEA se baseia nas elaborações psicodiagnósticas, direcionando os psicólogos nas caracterizações das manifestações comportamentais, sociais, afetivas e linguísticas diante do quadro clínico especificado, influindo nas estratégias psicoterápicas e formatações de rastreio assertivo (CABRAL; LOPES; OLIVEIRA, 2021).

Seguindo as premissas acima, o presente estudo, por meio da metodologia de revisão narrativa, objetiva compreender como os direcionamentos psicológicos clínicos baseados nas formatações do psicodiagnóstico podem influir no tratamento, acolhimento e intervenções contextuais dos sujeitos com diagnóstico de TEA perante das esquemáticas do setting terapêutico.

Em face das bases de dados utilizados, valeu-se das plataformas digitais do Google Acadêmico, Scielo, PePSIC e Portal de Artigos da CAPES, promovendo as diretrizes das construções argumentativas-dissertativas lapidadas, permeando discussões direcionais entre as condições autísticas e o âmbito técnico psicológico-psicodiagnóstico nas entrelinhas da clínica. Sendo assim, comentado os fatores introdutórios e o objetivo primordial do trabalho em questão, segue os demais tópicos direcionados nos entendimentos básicos da Psicologia Clínica e do psicodiagnóstico, e como tais elementos podem influenciar positivamente a trajetória do sujeito com diagnóstico de TEA diante do tratamento psicológico especializado.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A PSICOLOGIA CLÍNICA E O PSICODIAGNÓSTICO

A Psicologia Clínica é considera uma das possíveis áreas de atuação do psicólogo em seu exercício profissional, possibilitando o desenvolvimento de intervenções, acolhimentos e atividades psicoterápicos voltados as necessidades subjetivas do sujeito (BRAGHIROLLI et al., 2012).

Para Castelhano e colaboradores (2021), os enfoques clínicos na Psicologia, perante de suas amplitudes profissionais, representam algumas das atividades laborais mais consolidadas diante do exercício dos psicólogos, ganhando diferentes expressões ao longo do tempo.

Desse modo, as modalidades psicoterápicas e interventivas da clínica psicológica diante das contextualizações da atualidade ganham diferentes expressões a partir das novas necessidades teórico-práticas e vivenciais da ciência e do sujeito em suas singularidades, trazendo à tona novos vislumbres metodológicos e formativos (CASTELHANO et al., 2022).

Pensando nessas novas demandas, o psicodiagnóstico busca (re)pensar as vertentes das aplicações de testes e do próprio manejo clínico do psicólogo em suas contingências atuacionais, promovendo a lapidação de abordagens terapêuticas inovadoras defronte dos tipos especificados da avaliação psicológica, sobretudo nas proposições da Psicologia Clínica (CUNHA, 2009).

Atualmente, compreende-se como avaliação psicológica o conjunto de processos e intervenções de matriz psicológica objetivadas a partir da elucidação das características cognitivas, emocionais e subjetivas dos indivíduos abarcados, ajudando nas investigações dos sintomas, do desenvolvimento psicossocial e das características adaptativas do sujeito a partir de metodologias interativas e específicas (RIGONI; SÁ, 2016).

Destarte, Cunha (2009), a partir de elaborações construídas com outras autores em obras publicadas, aborda que o psicodiagnóstico representa uma das modalidades presentes nas avaliações psicológicas de ênfase clínica, fazendo-se necessário elucidar as principais potências avaliativas, como exposto no quadro a seguir:

Quadro 1- Algumas das possíveis formas de avaliação psicológica de contexto clínico

Classificação simples	O procedimento em questão se baseia na comparação do comportamento apresentado pelo sujeito examinado em seus processos resultantes diante das estatísticas expressivas de outros sujeitos da população geral ou de grupos específicos na qual o primeiro está inserido. Nesse caso, segue as prerrogativas da análise quantitativa de viés intelectual, baseando-se na comparação individual ante condições demográficas equivalentes.
Descrição	O modelo descritivo visa ultrapassar as limitações metodológicas de ênfase classificatória, uma vez que analisa diferentes escores, pontuando as potencialidades e dificuldades do paciente.
Classificação noosológica	São desenvolvidas hipóteses diagnósticas a partir de critérios diagnósticos bem definidos.
Diagnóstico diferencial	São observadas sistematicamente irregularidades ou inconsistências do quadro sintomatológico, diferenciando alternativas diagnósticas ou níveis de funcionamento em um sentido psicopatológico.
Avaliação compreensiva	No âmbito compreensivo, visualizam-se os níveis de funcionamento da personalidade, as funções do ego e a sua capacidade de insight, sistemas de defesa, entre outros elementos psicológicos.
Dinâmica de entendimento	Vale-se da importância significativa da inferência clínica do profissional, integrando de forma conjuntiva as bases teórico-práticas, investigando, além de conotar, aspectos comportamentais que nem sempre são observados de forma sucintas nas entrevistas, ajudando na definição de focos terapêuticos a serem trabalhados.
Prevenção	Influi no desenvolvimento de visualizações específicas, a exemplo da identificação de possíveis riscos, compreensão de problemas precocemente, da capacidade de enfrentamento de situações novas ou adversas, entre outros.
Prognóstico	Determina o curso provável do caso através dos elementos observados e analisados.

Fonte: Adaptado de Cunha (2009).

Perante do esboçado, observa-se que avaliação psicológica em um sentido clínico abarca diferentes modalidades e objetivos perante dos variados casos em processo de análise e investigação, compreendendo aspectos observacionais, comportamentais, de personalidade, etc; servindo de base teórico-prática para as delimitações psicodiagnósticas.

Expostos os aspectos gerais da avaliação psicológica clínica, Rigoni e Sá (2016) entendem que o psicodiagnóstico é considerado um procedimento avaliativo de natureza clínica e interventiva, nesse sentido, não abarca todas as possibilidades e áreas da avaliação psicológica, visto que as diretrizes teórico-práticas objetivam o planejamento, tratamento e organização de testes em sentido específico das AVs.

Desse modo, os modelos psicodiagnósticos não se restrigem a formulações específicas e irregulares, uma vez que as suas entrelinhas metodológicas e interventivas podem variar de acordo com o caso apresentado, existindo paradigmas tradicionais e interventivos ao longo das discussões científicas (BARBIERI, 2010).

Todavia, diferentes autores, como Cury e colaboradores (2007), Barbieri (2008), Milani, Tomael e Greinert (2014) e Ancona-Lopes (2016), compreendem que as perspectivas interventivas no âmbito psicodiagnóstico vem ganhando cada vez mais expressões eficazes perante das caracterizações da Psicologia Clínica, (re)definindo e ampliando os possíveis papéis dos psicólogos nas elaborações metodológicas.

Segundo Cunha (2009), deve-se ter em mente que o psicodiagnóstico vai além de unilateralidades formativas, dado que cada curso apresenta as suas idiossincrasias, e que o psicólogo, a partir de seus domínios teórico, prático e experiencial, organiza os elementos a partir dos objetivos do caso especificado.

Portanto, propõe-se que o psicodiagnóstico é uma modalidade avaliativa e singular permeada dentro dos fatores metodológicos clínicos, abarcando diferentes estratégias e intervenções a partir do olhar crítico e profissional, valendo para os panoramas típicos e neuroatípicos.

O PSICODIAGNÓSTICO E O ACOLHIMENTO DO SUJEITO COM TEA

O TEA engloba um conjunto alterações nos âmbitos do desenvolvimento da linguagem, dos processamentos cognitivos, das interações sociais e afetivas, dos comportamentos, assim como das habilidades simbólicas e imaginativas, apresentando-se desde do nascimento, sendo geralmente diagnóstica a partir dos três anos de idade (FACION, 2008).

Todavia, pontua-se que existem variadas perspectivas de visualização do TEA, apesar das sistematizações abarcadas pelos manuais diagnósticos especializados, existindo perspectivas panorâmicas tradicionais e emergentes perante das discussões científicas, clínicas e acadêmicas (SCHWARTZMAN, 2011).

Adentrando o campo psicodiagnóstico do TEA, Cabral, Lopes e Oliveira e Oliveira (2021) afirmam que as aplicações, estruturações e intervenções psicodiagnósticas são fundamentais para o entendimento das articulações dos sinais autísticos, possibilitando rastreamentos precisos nas modulações clínicas.

No contexto infantil, Barbieri, Jacquemin e Alves (2007), em suas elaborações sobre o método terapêutico com crianças, afirmam que os moldes psicodiagnósticos interventivos podem gerar resultados significativos no manejo clínico infantil, mediando com as habilidades e dificuldades das crianças, enfatizando a pertinência da participação dos familiares nesse processo de acolhimento.

Para De Oliveira e colaboradores (2021), o psicodiagnóstico é processo avaliativo que deve ser construído a partir das singularidades e observações descritas através dos dados colhidos do sujeito examinado, enfatizando que no TEA as hipóteses diagnósticas apresentam um quadro sintomatológico especificado, podendo esboçar diferentes combinações

Destarte, De Oliveira e colaboradores (2021) propõe que todos instrumentos psicológicos utilizados devem ser selecionados por via das necessidades e demandas apresentadas pelo paciente, evitando possíveis equívocos na distinção diagnóstica, promovendo prognósticos assertivos e direcionais no tratamento posterior, elucidando as esquemáticas teórico-práticas.

No estudo de Viana e contribuidores (2020), na Revista Saúde Dinâmica, esboça-se que existem diferentes metodologias voltadas ao tratamento do TEA, tendo como exemplo: ABA, PECS, TEACCH, entre outros; representando avanços fundamentais no manejando clínico e vivencial perante do desenvolvimento de habilidades significativas nos âmbitos sociais, afetivos, cognitivos e comunicacionais.

Nessa ótica, os domínios trazidos através das diferentes modalidades são formatações essenciais no tratamento e acolhimento do TEA, visto que, para Mariano, Pelles e Lemos 2016), as intervenções avaliativas-psicológicas agrupam potenciais pertinentes na lapidação positiva das habilidades significativas e da qualidade de vida perante de tal público.

Nos apontamentos práticos, avista-se que os direcionamentos pertinentes na avaliação psicológica voltado ao autismo podem ser estruturados por meio dos elementos coletados nas entrevistas e triagem, assim como do processo de anamnese, valendo-se de instrumentos

especializados, como exemplo do *Child Behavior Checklist* (CBCL), para elucidar resultantes comportamentais e emocionais observadas ao longo do processo investigativo (ALMEIDA et al., 2021).

Ainda nesse raciocínio, comenta-se que os elementos e avaliações de caráter neuropsicológicas são essenciais para a consolidação das observações e planejamentos psicodiagnósticos, influindo nos entendimentos cognitivos, emocionais e sociais, permeando funcionalidades precisas nos âmbitos da sociabilidade e dos comportamentos executivos (ARAÚJO, 2011).

Para Araújo (2011), a avaliação psicológica em pessoas com TEA tem como objetivo central o traçamento de perfis de desenvolvimento, levando em consideração as diferentes áreas, valorizando os aspectos potenciais e latentes diante da lapidação de suas competências individuais-coletivas.

Com isso, levando em consideração as diferentes expressões e elementos constitutivos do TEA, o contexto avaliativo psicológico deve ser adaptado para conseguir acolher e observar o indivíduo em suas idiossincrasias, consolidando de forma assertiva as contingências atravessadas pelo curso psicodiagnóstico, em seus carácteres explícitos e implícitos (ARAÚJO, 2011).

Seguindo tal sentido, segue algumas adaptações significativas na avaliação psicodiagnóstica do TEA, levando em consideração os manejos clínicos, experienciais e instrumentais no campo interativo, como exposto no quadro a seguir:

Quadro 2- Adaptações pertinentes na avaliação psicológica e psicodiagnóstica de sujeitos com TEA

1- Faz-se necessário, antes do início das aplicações de testes, que o sujeito se familiarize com o local, a situação e as contingências expositivas, facilitando na adaptação da mudança de rotina.
2- Em certas ocasiões, pode ser interessante que a mãe, pai ou cuidador esteja presente na avaliação, pelo menos nos primeiros instantes, influindo na adaptação com o ambiente.
3- Descobrir se a criança apresenta algum interesse específico de natureza restritiva, influindo nas possibilidades práticas na modalidade mediativa e interventiva.

4- Tomar precauções com os déficits linguísticos nos indivíduos no contexto do TEA, utilizando-se manejos compreensivos diante do desenvolvimento da linguagem receptiva e expressiva.
5- Desenvolver, de forma progressiva e contínua o contato visual, promovendo atividades capazes de lapidar as interações sociais e afetivas juntamente com o sujeito.
6- Buscar garantir que o indivíduo mantenha contato visual e interativo com o material utilizado, sobretudo em casos onde tal inciativa não ocorre de forma espontânea.

Fonte: Construído a partir de Araújo (2011).

Perante do levantado, apercebe-se que os processos de avaliação psicológica e psicodiagnóstica permeiam diferentes manejos e precauções perante do âmbito interventivo do TEA, preconizando, acima de tudo, o acolhimento e respeito pelo sujeito em suas entrelinhas subjetivas e experienciais, mediando com variados fatores do manejo clínico.

Em outras contextualizações, a exemplo dos setores educacionais, Freitas (2016) define que as intervenções-terapêuticas promovem elementos significativos no manejo das potencialidades e dificuldades do sujeito com TEA, destacando a pertinência das abordagens dialógicas nessas atividades e planejamentos formativos, esquemáticos e experienciais.

Além disso, a difusão e consolidação das práticas psicodiagnósticas poderiam ser grandes auxiliares no tratamento e acolhimento de sujeitos diagnosticados com TEA, dado que, segundo Viana et al. (2020), um número imensurável de brasileiros que fazem parte do público autista não tem contato com tratamentos adequados, envolvendo aspectos socioeconômicos e de prevenção em saúde mental.

Para finalizar, conclui-se que os domínios psicodiagnósticos, sobretudo em suas amplitudes interventivas e compreensivas, são fundamentais para o tratamento, acolhimento e inclusão dos sujeitos englobados dentro do TEA, enfatizando que tal modalidade teórico-prática se faz essencial para o psicólogo clínico especializado nas áreas circunscritas na avaliação psicológica direcionada ao público neuroatípico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos aspectos mencionados, visualiza-se que o psicodiagnóstico, enquanto fundamento teórico-prático valioso para o psicólogo clínico em atividade, promove intervenções e observações significantes defronte dos diferentes caminhos do manejo profissional dos sujeitos com TEA.

Destaca-se também que as exposições psicodiagnósticas englobam variadas estratégias ante dos acolhimentos clínicos no âmbito constitutivo do TEA, envolvendo abordagens compreensivas, instrumentos psicológicos especializados, observações e entrevistas, demonstrando que cada processo avaliativo segue as singularidades e demandas específicas dos casos especificados.

Para estudos futuros, propõe-se estudos de caso, análises qualitativas e quantitativas voltadas as possibilidades psicodiagnósticas do psicólogo clínico frente dos casos de TEA, abordando as necessidades instrumentais, metodológicas e propriamente vivenciais nesse processo compreensivo-interventivo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Angela Karenine Saraiva; ALVES, Thamy Saraiva. O AUTISMO E O PSICÓLOGO NA PSICOLOGIA CLÍNICA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 2, p. 201-218, 2022.

ANCONA-LOPES, Silvia. **Psicodiagnóstico interventivo: evolução de uma prática**. Cortez Editora, 2016.

ARAÚJO, C. A. Psicologia e os Transtornos do Espectro do Autismo. In: SCHWARTZMAN, J. S.; ARAÚJO, C. A. Transtonos do Espectro do Autismo. São Paulo: MEMNON, 2011. P. 173-201.

BARBIERI, Valéria. Por uma ciência-profissão: o psicodiagnóstico interventivo com o método de investigação científica. **Psicologia em Estudo**, v. 13, p. 575-584, 2008.

BARBIERI, Valéria. Psicodiagnóstico tradicional e interventivo: confronto de paradigmas?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, p. 505-513, 2010.

BARBIERI, Valéria; JACQUEMIN, André; ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. O psicodiagnóstico interventivo como método terapêutico no tratamento infantil: fundamentos teóricos e prática clínica. **Psico**, v. 38, n. 2, p. 6, 2007.

BRAGHIROLLI et al., E. M. Psicologia geral. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CABRAL, Gabriela Leite; LOPES, Matheus Tierry Borges Lima; OLIVEIRA, Mércia Capistrano. AUTISMO E PSICODIAGNÓSTICO: APONTAMENTOS SOBRE O RASTREIO DO ESPECTRO NA INFÂNCIA. **Mostra de Psicologia**, 2021.

CASTELHANO, M. V. C.; LEITE, A. L. S. ; PEREIRA, J. E. G. ; SOARES, A. R. C. ; GOMES, J. R. N. . AS PSICOTERAPIAS E O CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: OS NOVOS CAMINHOS DA CLÍNICA. In: Marcos Vitor Costa Castelhano; José Robson Nunes Gomes. (Org.). A psicologia em sua amplitude: as interfaces da prática científica. 1ed.Belém-PA: RFB Editora, 2022, v. 1, p. 61-67.

CASTELHANO, M. V. C.; OLINTO, M. F. G. ; RIBEIRO, P. B. A. ; MONTEIRO, J. C. S. ; MAIA, C. K. B. ; CAVALCANTI, R. J. M. ; GOMES, J. R. N. ; BENEVIDES, D. S. ; SANTOS, G. C. . A PSICOLOGIA E AS SUAS ÁREAS DE ATUAÇÃO: OS NOVOS RUMOS PANORÂMICOS. In: Marcos Vitor Costa Castelhano; Gerlane Costa dos Santos. (Org.). A Psicologia em ação: teorias e práticas diante da contemporaneidade. 1ed.Belém-PA: RFB Editora, 2021, v. 1, p. 17-22.

CUNHA, Jurema Alcides. **Psicodiagnóstico-v**. Artmed Editora, 2009.

CURY, Leila S. et al. Psicodiagnóstico interventivo: Uma proposta de ensino em Atendimento Clínico. **Mudanças-Psicologia da Saúde**, v. 15, n. 2, p. 128-134, 2007.

DE OLIVEIRA, AMANDA HOFFMANN et al. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM ENSAIO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UMA HIPÓTESE PSICODIAGNÓSTICA. Salão do Conhecimento, v. 7, n. 7, 2021.

FACION, J. R. **Transtornos do desenvolvimento e do comportamento**. Editora, Ed. IBPEX, 2008.

FREITAS, Djalma Francisco Costa Lisboa de. Relações de cuidado em processos terapêutico-educacionais junto a pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MARIANO, Marcela Darley; PELLES, Patrícia Regina Henrique; LEMOS, Wlisses. Avaliação Psicológica de crianças com transtorno do espectro autista. **REVISTA DE TRABALHOS ACADÊMICOS–UNIVERSO BELO HORIZONTE**, v. 1, n. 1, 2016.

MILANI, Rute Grossi; TOMAEL, Mercês Maria; GREINERT, Bruna Rafaele Milhorini. Psicodiagnóstico interventivo psicanalítico. **Estudos interdisciplinares em Psicologia**, v. 5, n. 1, p. 80-95, 2014.

RIGONI, Maisa S.; SÁ, Samantha Duburgas. O processo psicodiagnóstico. **Psicodiagnóstico. Porto Alegre: Artmed**, p. 47-60, 2016.

SCHWARTZMAN, J. S. Condições Associadas aos TEA. In: SCHWARTZMAN, J. S.; ARAÚJO, C. A. Transtonos do Espectro do Autismo. São Paulo: MEMNON, 2011. P. 123-143.

VIANA, Ana Clara Vieira et al. Autismo. **Saúde Dinâmica**, v. 2, n. 3, p. 1-18, 2020.